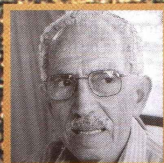


PIONEIROS

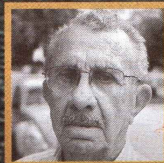
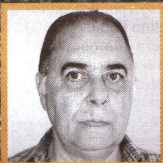
Histórias de quem fez Brasília

Houve um momento em que os já moradores de Brasília temeram pela não consolidação da cidade. Juscelino já não era mais presidente, Jânio havia renunciado e o país passava por um momento conturbado. Mas, aos poucos, os investimentos retornaram, e hoje a cidade escreve sua história. Na lembrança de cem dos seus primeiros moradores, a série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília* contribui para o resgate do início de vida na capital.

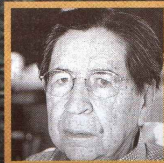
**Adriano
M. Freire**



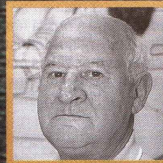
**Celson Carlos
B. de Oliveira** **Edmilson
Teixeira**



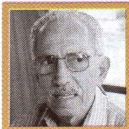
**Hélio
Lobo**



**Jorge D'Arc
Cerqueira**



PIONEIROS



Adriano Magalhães Freire

A vida em uma cidade a ser estruturada

Arquivo pessoal



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

No início de Brasília muitas mulheres vieram para a nova capital acompanhando os maridos. Com o pioneiro Adriano Magalhães Freire deu-se exatamente o contrário: foi ele quem veio para o Planalto Central acompanhando sua primeira esposa, Ely Santos Freire. “Durante algum tempo fui marido de professora”, lembra, às gargalhadas, Adriano Freire.

Ele veio para cá com a cidade recém-inaugurada, em maio de 1960, poucos meses depois de ter se formado em odontologia no Rio de Janeiro, onde morava. “Ely foi aprovada no concurso para professora da Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (Caseb) e achamos que mudar para Brasília poderia ser uma ótima oportunidade para a nossa família”, explica o cirurgião-dentista. Na época, seus dois filhos mais velhos ainda eram pequenos.

Além de representar crescimento profissional para Ely, a vinda para Brasília era uma opção para que o jovem Adriano fugisse dos ânimos exaltados da política carioca. “Sempre fui militante político e cheguei a ser preso algumas vezes. Se

na vida de um civil isso era um problema, imagine na minha, que na época era militar”, afirma. Brasília acabou, portanto, sendo uma solução e não um problema para esse pioneiro que não se deu por vencido e continuou a fazer manifestações políticas contra as ações governamentais com as quais não concordava.

O pioneiro conta que em Brasília a polícia era menos violenta

e atribuiu isso à política aplicada por Juscelino Kubitschek. “O presidente era democrata até mesmo com seus adversários e perdeu todos eles”, lembra, ressaltando que as coisas só foram piorar por aqui com o governo militar, a partir de 1964.

Outra dificuldade encarada por Adriano foi conseguir um local para a instalação do seu consultório. “Não havia salas ou lojas para alugar e, como não

conhecia ninguém da área na cidade, era quase impossível conseguir a instalação do consultório no Plano Piloto de Brasília”, afirma. Alguns meses depois de muita procura, Adriano acabou firmando um convênio com a Novacap, com a ajuda de Ernesto Silva. “O acordo era o seguinte: eu atendia os funcionários da Novacap em casos de urgência e, em troca, poderia receber ali meus pacientes

ADRIANO (D) COM OS DOIS FILHOS, A IRMÃ E OS FUTUROS CUNHADOS EM FRENTE AO PALÁCIO DO PLANALTO

particulares”, explica. Naquela época, os tais clientes particulares eram professores, colegas da esposa, e os funcionários da Novacap, que, mesmo sem emergência, acabavam passando a se

PIONEIROS

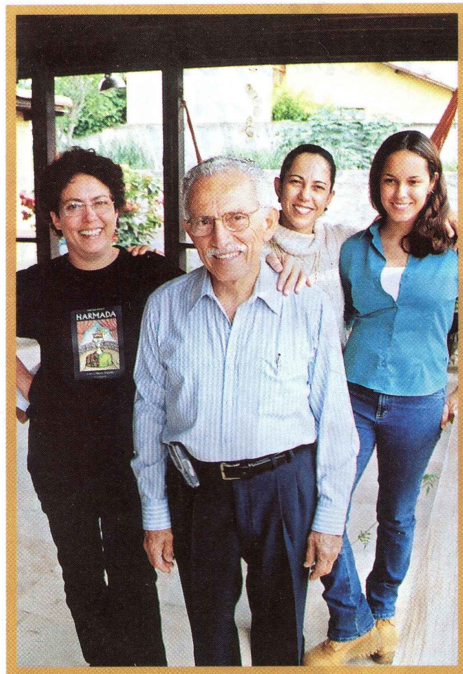
Formado em Odontologia no Rio de Janeiro, o pioneiro chegou a Brasília em maio de 1960, acompanhando sua primeira esposa, que vinha trabalhar no Caseb

tratar com ele ali mesmo, onde hoje funciona o Posto de Saúde nº 1, na 508 Sul. "Era mais fácil para muitos deles porque meu consultório era um dos poucos no Plano Piloto", explica.

Passado algum tempo, a mãe foi soprando a favor do cirurgião dentista e ele se instalou no Conjunto Nacional, local que hoje abriga cerca de 300 colegas de Adriano. Além da instalação, o material também era um problema, pois no meio do cerrado não havia lojas para comprar o necessário para se montar e manter um consultório odontológico. As opções eram o Boticão Pioneiro, loja improvisada no Núcleo Bandeirante, ou apelar para os vendedores ambulantes. "Comprávamos em kombis que vinham de Uberaba para nos vender material", lembra, acrescentando que também "havia uma troca, um intercâmbio muito grande entre os profissionais da área."

Associação

A veia política de Adriano continuava pulsando e seu primeiro ato foi ingressar na Associação Odontológica de Brasília, fundada três anos antes por um pequeno grupo de dentistas liderados por Gustavo Dermeval da Fonseca e Eptácio Gomes Ferreira, o primeiro cirurgião-dentista a instalar seu consultório na Cidade Livre. Quatro anos mais tarde, a Associação Odontológica de Brasília foi transformada em Associação Brasileira de Odontologia - Seção do Distrito Federal, sendo bem marcada a participação de Adriano no episódio. Pouco depois, Adriano foi eleito para a presidência da ABO-DF, tendo



ADRIANO COM A FAMÍLIA: EM BRASÍLIA, O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL COMO DENTISTA

sido reeleito para mais quatro biênios. Ele foi também um dos organizadores e o primeiro presidente do Conselho Regional de Odontologia do DF, tendo sido reeleito várias vezes para o cargo. Exerceu também o cargo de Presidente do Conselho Federal de Odontologia e, nessa condição, foi responsável pela elaboração do projeto de regulamentação de lei que criou os Conselhos Federal e Regionais de Odontologia, que foi por ele entregue ao Ministro da Saúde de então, e que acabou sancionado pelo presidente Emílio Médici, sem alterações. Logo ele, que era totalmente contra a ditadura", diz.

Ao chegar a Brasília, menos

de um mês depois da inauguração, Adriano ainda achou uma cidade a ser estruturada. "A impressão é que estávamos sempre em uma cidade nova, pois de manhã tinha sempre uma novidade nas ruas quando saímos para trabalhar", recorda. O pioneiro define a Brasília de 1960 como uma cidade "bonita, mas com muitas dificuldades". A moradia era uma delas. Mas como Dona Ely era professora, o problema pôde ser parcialmente resolvido. "Eu era clandestino. Minha esposa tinha direito a um quarto em um alojamento que dividiria com outras colegas. A nossa sorte é que elas foram compreensivas e deixaram que a família ocupasse um dos

cômodos do alojamento enquanto as outras professoras dividiam o outro", conta. Adriano morou dessa maneira até se separar de Dona Ely, quando ele foi morar em um apartamento do IAPI, onde já trabalhava e onde conheceu sua atual esposa, Neusa Pires Amado, com quem tem sua filha çauça, Érika, nascida em Brasília. Quem também (re)nasceu em Brasília foi Adriano. "A decisão de vir para cá foi muito acertada e fez de mim uma pessoa realizada", afirma o pioneiro nascido em Paracatu, mas desde 1998 é considerado Cidadão Honorário de Brasília. Isso no papel, porque no coração Adriano garante que é brasiliense desde 1960.

“
A IMPRESSÃO É QUE ESTÁVAMOS SEMPRE EM UMA CIDADE NOVA, POIS DE MANHÃ TINHA SEMPRE UMA NOVIDADE NAS RUAS QUANDO SAÍAMOS PARA TRABALHAR”

Raio X

Nome: Adriano Magalhães
Freire
Idade: 71 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Cirurgião-dentista
Estado civil: Desquitado de Ely Santos Freire
Atual esposa: Neusa Pires Amado
Filhos: Ricardo e Maria Elisa (1º casamento) e Érika (2º casamento)
Netos: Maria Rita, Elisa, Leonardo, Branca, Alice e Natalie.

PIONEIROS



Celson Carlos Batista de Oliveira

Nas ondas do rádio, a divulgação de Brasília

Arquivo Público



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Os rumores sobre a mudança da capital atemorizavam grande parte dos funcionários públicos do Rio de Janeiro. A transferência, a princípio, foi um pesadelo e já era quase certa quando, nos corredores da Rádio Nacional, localizada na Praça Mauá, nº 7, correu uma lista para buscar a assinatura daqueles que simpatisassem com a idéia.

O sonho de Juscelino Kubitschek de abrir uma rádio na nova capital começou a tomar forma com a assinatura de 24 radialistas simpatizantes entre músicos, sonoplastas, locutores, redatores e produtores, incentivados pelos altos salários oferecidos — além do salário do Rio, eles ganhariam mais 50% do valor.

Encabeçados pelo mais famoso radialista — o redator e produtor Celson Carlos —, Leony Mesquita, Duiílio de Almeida, Rui Carneiro, Sérgio Dias, Jair Cançado, Waldir da Silva, Hoover Pereira, Armando Affonso, Alípio Monteiro, Pedro Costa, Almirante e Antônio Santoro também resolveram apostar na sorte no cerrado. “Além da promessa de ganhar bem, aceitei a transferência mais para colaborar com Juscelino”, garante o pioneiro Celson Carlos Batista de Oliveira. “JK era muito combatido nessa época e ninguém queria vir para Brasília”, acrescenta.

O interesse do presidente em

divulgar o que estava sendo feito na futura capital o fez planejar tudo nos mínimos detalhes. “Até a orquestra para os programas musicais foi trazida do Rio”, lembra o mineiro, que faz questão de citar um por um os componentes da banda. “Vieram Isaac Kolman, José Malta, Abdala Chalub, Isahy Martins, João Vieira, Pedroca, Xandoca, Bernarê e Wanderley Mattos.”

Outros dois funcionários da rádio já se encontravam aqui, o motorista, Napoleão Viegas, e o técnico, George Polidoro, que veio antes para instalar os transmissores.

Logo após o desembarque dos radialistas, em 1958, uma surpresa. O motorista e colega

do Rio já estava a postos no pequeno aeroporto de madeira em uma camionete identificada rapidamente pelas letras brancas garrafais: Rádio Nacional - Brasília. O grupo se acomodou na carroceria — fechada e com uma pequena abertura — e seguiu em direção ao Paraíso Hotel, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). O hotel foi todo organizado para a chegada dos novos hóspedes, que acabaram ocupando todo o prédio.

A inauguração

O dia 1º de março de 1958 ficou na história de Brasília, quando no pequeno hotel de madeira, na Cidade Livre, passou a funcionar, em caráter experimen-

tal, a Rádio Nacional, que irradiava mensagens de prosperidade e esperança a milhões de brasileiros sobre a construção da nova capital.

Com esforço e muito trabalho, a rádio cresceu, e o número de funcionários dobrou. A inauguração aconteceu pouco depois, em 31 de maio do mesmo ano. O sonho de Juscelino foi realizado em grande estilo numa comemoração que contou com a presença de estrelas da música como Emilinha Borba, Cauby Peixoto, Ivon Cury e Ângela Maria.

O radialista, com a experiência de anos no jornalismo do Rio de Janeiro — além da Rádio Nacional ele também atuou na

NA CHEGADA, O MOTORISTA DA RÁDIO ESTAVA ESPERANDO OS RADIALISTAS EM UM CAMINHÃO DA EMISSORA

Manchete Esportiva, na revista Fatos e Fotos e no Jornal dos Esportes —, mais uma vez mostrou competência e intimidade com os microfones. A voz do locutor chegava aos mais longínquos rincões, por meio de ondas médias e curtas. A Rádio Nacional era ouvida em todo o país e até no exterior.

Por meio de pequenos rádios de pilha, os candangos ficavam por dentro de tudo o que acontecia ao redor e se distraíam com os programas musicais da época. A Rádio também transmitia as ações do governo e informava o andamento das obras, como forma de convocar trabalhadores para a região. “Vocês precisam conhecer Brasília e tudo o que está sendo feito aqui”, anunciava Celson, que acumulava os cargos de chefe de redação e diretor comercial. “A rádio serviu como uma distração para os moradores, apesar de funcionar apenas até as dez da noite por causa da energia, que vinha dos geradores”, garante o fundador da Associação da Imprensa de Brasília.

Além de diretor, Celson produziu programas de grande sucesso como o *Musical Romântico Valery*, com Lúcio Alves e Neusa Maria, e *Mago do Violão*, com o músico Dilermando

PIONEIROS

O incentivo no salário foi apenas um detalhe na transferência do radialista da Rádio Nacional do Rio para Brasília. O que o pioneiro queria mesmo era ajudar JK no seu sonho

CELSON E CECÍLIA MORAM E SE EMOCIONAM COM BRÁSILIA ATÉ HOJE



Reis. A orquestra também foi sucesso na cidade, ela saiu dos estúdios da rádio e ganhou os salões do Palácio do Planalto e do Brasília Palace Hotel a pedido de Juscelino, que sempre ligava para a rádio.

Novos desafios

Com a entrega das chaves da Fundação da Casa Popular, na W3 Sul, os funcionários puderam sair do hotel e viver com um pouco mais de conforto. “Fiz a distribuição das casas — da quadra 33 à 39 — de acordo com o estado civil de cada um. Coloquei os casais em casas separadas, e os solteiros, alojados em grupos de três ou quatro.” Para a W3 Sul foram também os estúdios da rádio, que passou a funcionar no galpão — onde ficava o Cine Cultura — até a construção do novo prédio, da atual Radiobrás.

A mudança para Brasília, que antes era quase um tormento, acabou mudando para sempre a vida do pioneiro, que em 1959 já era o mais consagrado radialista da cidade, merecedor do título Radialista do Ano, da *Folha de Minas*, e o Homem do Rádio em Brasília, da revista *Radio-landia*, pelo seu “belo trabalho como também pelo espírito elevado de coleguismo, amigo sincero das coisas certas e cavalheiro em todas as ocasiões”, como elogiava a imprensa.

O trabalho de Celson era reconhecido até pelo presidente. Uma das viagens que o jornalista fez a São Paulo, onde buscava os comerciais, ficou na memória: Juscelino, que estava no mesmo voo, se aproximou dele e, surpreso, mandou um abraço ao grande amigo, pai do radialista

“**FIZ A DISTRIBUIÇÃO DAS CASAS — DA QUADRA 33 À 39 — DE ACORDO COM O ESTADO CIVIL DE CADA UM. COLOQUEI OS CASAIS EM CASAS SEPARADAS, E OS SOLTEIROS, ALOJADOS EM GRUPOS DE TRÊS OU QUATRO**”

Francisco Batista. Mas para JK não bastava entregar o recado. Tinha que anotar tudo. “Mande um abraço para seu pai. Mas deixe eu assinar aí senão ele não vai acreditar que vim com você”, lembra com emoção das palavras do presidente. “Ele era sempre muito alegre e um homem trabalhador.”

Instalada a rádio, outro sonho de Juscelino era abrir uma TV. No dia da inauguração da cidade, a TV Rádio Nacional de Brasília — canal 3 — transmitia para além do cerrado as imagens da solenidade.

Anos depois, a perseguição dos militares calou a voz dos pioneiros da comunicação. Celson se mudou para o Rio. “Foi muito triste. Nossa profissão não era muito simpática aos olhos dos militares”, declara. Ele conta ainda com certa mágoa a mudança do país de um de seus colegas que tinha o mesmo sobrenome de um senador da época que era tido como comunista. Os oficiais o confundiram com o senador.

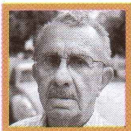
A volta do pioneiro ao rádio só não aconteceu por causa da morte do amigo e então eleito presidente Tancredo Neves, que o havia convidado a assumir a Rádio Nacional de Brasília.

Os difíceis anos só não foram capazes de diminuir a paixão que o pioneiro cultivou pela cidade por meio da profissão. Dos estúdios, além de divulgar, ele acompanhou o crescimento de Brasília. “Eu praticamente vivi aquele momento tão importante e assisti ao seu crescimento. É uma coisa que a gente não esquece”, afirma com orgulho de ter participado da grande obra.

Próximo de completar 70 anos, Celson, premiado com as medalhas Alvorada e Burity, se prepara para mais um desafio. Retomar o projeto da eclética *Revista do Lar*, que chegou a circular na década de 60 e que deverá ser relançada no próximo ano, “mas com um novo formato e adaptada para os novos tempos”, avisa o pioneiro.

Raio X

Nome: Celson Carlos Batista de Oliveira
Idade: 69 anos
Origem: Juiz de Fora, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: Jornalista e radialista
Esposa: Cecília Roquette B. de Oliveira (2º casamento)
Filhos: Carlos Eduardo, Sandra e Carla
Netos: Carolina, Eduarda, Camila, Carlos Eduardo Jr., João Pedro, Daniel e Antônio Carlos Jr.



Edmilson Teixeira da Silva

O pioneiro chegou à cidade e ficou alguns meses e não saiu

Estreita ligação com os trabalhadores da construção

Arquivo pessoal



EDMILSON COM A TURMA QUE VEIO DO RIO E QUE, DURANTE SEIS MESES, OCUPOU SOZINHA O PRÉDIO DO MINISTÉRIO DO TRABALHO NA ESPLANADA

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Quando a oportunidade de mudar-se definitivamente para o Distrito Federal surgiu, Edmilson Teixeira da Silva, 83 anos, não pensou duas vezes. Aceitou de imediato. A simpatia pela hospitalidade dos goianos e a admiração pela região do Cerrado e cidades como Alexânia, Cristalina e Anápolis eram antigas. Começaram cerca de 15 anos antes da inauguração da nova capital.

Na década de 40, o maranhense de São Luís trabalhava como técnico de cristal de rocha do Esforço de Guerra do governo norte-americano. Por isto, visitava a região do Planalto Central à procura de matéria-prima que pudesse ser utilizada na produção de armamentos.

Em 1958, como auxiliar do programa ETA 44, convênio entre o governo brasileiro e os Estados Unidos para implementar a plantação do capim braquiária no país, esteve novamente na região. Desta vez, entretanto, chegou mais perto da futura capital federal, pois o escritório onde trabalhou por um ano ficava na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). "Vivi intensamente o clima da construção da cidade", conta. "O comércio feito em barracos de madeira, centenas de nordestinos chegando

todos os dias e a poeira vermelha que levantava no céu e assustava a todos", completa.

Nesta época, Teixeira era funcionário do Ministério do Trabalho, lotado no Rio de Janeiro, mas não imaginava que em breve seria transferido para a nova capital. A mudança aconteceu em dezembro de 1959. O ministério planejava realizar a primeira festa do trabalhador, no dia 1º de maio, em Brasília e passou a responsabilidade ao maranhense, que também era técnico em recreação operária e tinha contato com vários artistas da época.

Durante três meses, Teixeira ocupou um apartamento de três quartos na 107 Sul, junto com outros quatro funcionários do ministério, como José Gomes Talarico, que na época era chefe da sala de imprensa do órgão no Rio de Janeiro. O ministério havia anunciado a formação do primeiro grupo de funcionários a serem lotados em Brasília. Teixeira, assim como outras 14 pessoas, ofereceu-se a uma das vagas, mas sua idéia era passar alguns meses na cidade para ver se se adaptaria à nova situação. Enquanto isso, organizaria o

show, que foi realizado em frente à Novacap, no acampamento da Metropolitana, onde hoje está o Setor de Garagens.

No final de abril, pouco antes do espetáculo, que trouxe para a cidade nomes como Grande Otelo, Russo do Pandeiro, Erivelton Martins, Rosita Gonçalves e Pernambuco do Pandeiro, Teixeira mudou-se com a família para um apartamento na 108 Sul. O bloco estava quase pronto. O apartamento impressionava pelo espaço, bem maior que o local onde moravam no Rio de Janeiro, e os móveis eram doados pelo Grupo

de Trabalho de Brasília (GTB). Bastava informar o número de integrantes da família para que o órgão providenciasse todo o mobiliário necessário. Para permanecer no imóvel, a família pagava uma taxa de ocupação irrisória.

Unidade Vizinhança

Na entrecruza comercial da 108, já existiam alguns estabelecimentos abertos, como a Casa das Meias, a Brasilar e o primeiro cartório de Brasília, o Maurício Lemos. A igreja de Nossa Senhora de Fátima, mais conhecida como igrejainha, também já estava construída. O que faltava, como em todo o Plano Piloto, era um espaço de lazer e confraternização. Daí surgiu a idéia de fundar o Clube de Unidade Vizinhança.

Teixeira e alguns moradores da quadra tomaram a iniciativa de sugerir à Novacap, em 1962, a construção de um clube em cada quadra do Plano Piloto, com piscinas, quadras de jogos e salões de festas. A Novacap não demorou a dar início às obras do primeiro, na 108 Sul. O projeto de construir os outros clubes, porém, não teve continuidade. "Acho que faltou iniciativa dos moradores das outras quadras, porque o governo em Brasília, naquela época, estava disposto a qualquer idéia que ajudasse a fixar as pessoas aqui", diz Teixeira.

e com atribuição de organizar a primeira festa do Dia do Trabalho na nova capital. Veio para
 u mais, transformando-se em um canal de ligação entre os operários e o governo federal

**EDMILSON COM A
 FAMÍLIA, QUE O
 ACOMPANHOU NA
 AVENTURA DA MUDANÇA
 PARA BRASÍLIA**



Amigo dos candangos

Durante os primeiros seis meses de trabalho em Brasília, em 1960, Teixeira e o grupo que chegara do ministério no Rio de Janeiro trabalhavam sozinhos no bloco 10 da Esplanada dos Ministérios. Não dava nem para sentir que a nova capital já havia sido inaugurada.

Uma medida tomada por Teixeira ajudou a movimentar o edifício e aproximar os trabalhadores que aqui estavam do governo federal instalado. Para evitar aglomeração nos institutos, responsáveis pela contratação dos candangos, pediu que todos fossem encaminhados ao ministério e que as vagas fossem dadas preferencialmente a pessoas encaminhadas pelo órgão. Os caminhões das empreiteiras e outras empresas envolvidas com a construção da cidade ajudariam no transporte das pessoas para a Esplanada.

A cada dia, cerca de 60 pessoas desembarcavam em Brasília à procura de emprego, esperanças pela mudança de vida que a inauguração da cidade sugeria à população do país. O governo não se preocupava com o êxodo porque os institutos que construíam as quadras e outros prédios precisavam de mão-de-obra numerosa.

Enquanto os candangos não eram admitidos em nenhuma

obra, o Ministério do Trabalho garantia as refeições diárias por intermédio do SAPS, programa iniciado no governo de Getúlio Vargas, que fornecia alimentação a preço de custo aos trabalhadores.

Quando as construções foram sendo concluídas, os candangos, aos poucos, iam sendo reintegrados ao mercado de trabalho no comércio que começava a surgir. Teixeira diz que oficinas, bares e até boates eram montados em barracos de madeira, nos espaços desocupados das ruas, como a avenida L2 Norte, que demorou a ser concluída.

Sempre preocupado em melhorar a vida dos trabalhadores que ajudavam na construção de Brasília, Teixeira terminou virando um ponto de referência dos candangos no Ministério do Trabalho. Qualquer problema ou necessidade era repassada a ele, que se empenhava em resolver, mesmo que de maneira improvisada.

Para atender aos trabalhadores dos acampamentos da Vila Planalto, por exemplo, Teixeira passou a projetar filmes numa tela

“**VIVI INTENSAMENTE O CLIMA DA CONSTRUÇÃO DA CIDADE. O COMÉRCIO FEITO EM BARRACOS DE MADEIRA, CENTENAS DE NORDESTINOS CHEGANDO TODOS OS DIAS E A POEIRA VERMELHA QUE LEVANTAVA NO CÉU E ASSUSTAVA A TODOS**”

ao ar livre, feita por um lençol branco amarrado em duas estacas de madeira. O projetor ficava no jipe que o transportava pelo Distrito Federal. A iniciativa agradou tanto, que o cinema improvisado passou a percorrer outras cidades, como Taguatinga.

Em 1962, o maranhense ganhou o carinho da população de outra cidade, o Gama, levando para lá a bateria da Escola de Samba Portela. Em outra oportunidade, conseguiu a liberação de um espaço na cidade para a abertura de um cinema, na avenida principal. “Fui ao Gama pela primeira vez porque tinha amigos do ministério que viviam lá”, conta. “Mas terminei me apaixonando pelo lugar e me aproximando cada vez mais das pessoas que moravam lá”, conclui.

A afeição recíproca fez com que em 1963 os trabalhadores do Gama o levassem de caminhão para a frente da Esplanada, solicitando ao presidente João Goulart que o nomeasse prefeito do Gama. A promessa foi feita, mas nunca foi cumprida pelo prefeito de Brasília na época, Ivo Magalhães.

Raio X

Nome: Edmilson Teixeira da Silva
Idade: 83 anos
Origem: São Luís, Maranhão
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Funcionário público aposentado
Esposa: Dalgisa Bittencourt da Silva
Filhos: Cláudio e Edmilson
Netos: Marcelo, Sérgio, Bruno, Gustavo, Ricardo e Eduardo
Bisnetos: Felipe e João

PIONEIROS



Hélio Lobo

Trabalho para consolidar a capital no Centro-Oeste

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Desde finais da década de 40, Hélio Lobo, hoje com 89 anos de idade, esperava pela transferência da capital da República para a região central do país. Em 1947, quando ocupava o cargo de presidente da Associação Goiana de Imprensa, propôs, durante um congresso de jornalistas em Salvador, que a mídia impressa nacional divulgasse a importância de mudar a capital federal para o Centro-Oeste, a fim de possibilitar o desenvolvimento do interior do Brasil.

Na oportunidade, Lobo já era funcionário do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriais (IAPI) e vivia em Goiânia desde 1938. "Participei da inauguração de duas capitais, Brasília e Goiânia", conta. Entusiasmado com a ideia de participar da inauguração da capital de Goiás, solicitou transferência do Rio de Janeiro, onde vivia, pouco tempo depois de ser admitido por concurso público para o IAPI, em 1938.

Cerca de 20 anos depois, em 1957, o governo de Juscelino Kubitschek colocaria em prática a determinação prevista na Constituição Federal de retirar a capital federal do Rio de Janeiro, dando início à construção de Brasília. "Não votei nele, mas confiei que ele conseguiria realizar o prometido, porque JK era um homem de muita visão", afirma Lobo.

Com o início das obras no Planalto Central, uma série de acidentes de trabalho passou a ser registrada, preocupando o IAPI. Como procurador do Instituto em Goiás, Lobo foi encarregado de vir a Brasília verificar as causas dos acidentes e tornar a presença do IAPI na futura capital mais significativa. O IAPI foi responsável pela construção de vários prédios na Esplanada dos Ministérios e algumas superquadras na Asa Sul.

O primeiro contato do advogado com a região onde seria fundada Brasília aconteceu então neste mesmo ano, em 1957. Amigo do médico Edson Porto,

que na ocasião já vivia na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), Lobo trouxe na bagagem para a visita ao futuro Distrito Federal uma barraca de lona onde seria instalado o primeiro consultório médico do amigo pioneiro.

Na volta a Goiânia, Lobo providenciou a transferência de alguns funcionários do instituto para a nova capital. Logo depois, o presidente JK determinaria a construção do primeiro hospital do Núcleo Bandeirante. Batizado com o mesmo nome do presidente, o Hospital JK — primeira unidade de atendimento médico do Planalto Central — também foi construído pelo IAPI.

Mudança para a capital

Após a inauguração da capital, em dezembro de 1960, o IAPI criou a Delegacia Autônoma do Instituto no DF. O órgão foi instalado entre as superquadras 409 e 410 Sul, onde os prédios de apartamentos com dois e três quartos também haviam sido construídos pelo instituto. Nomeado chefe da procuradoria do IAPI no DF, Lobo precisou mudar-se para a nova capital. A família viria logo depois, no início do ano letivo, em 1961.

O primeiro local de moradia do advogado seria um apartamento próximo à delegacia do

NA ÉPOCA DA MUDANÇA PARA BRÁSILIA, A CIDADE AINDA ERA UM CANTEIRO DE OBRAS, COM RUAS SEM ASFALTO

órgão. A quadra, como quase todo o Plano Piloto, era um canteiro de obras. Ainda não havia asfalto nas ruas, nem mesmo na avenida L2 Sul. "Quando chovia, a lama inundava o piso dos blocos e as ruas", conta. "Era comum alguém ter que voltar à casa para trocar de roupa por ter levado um escorregão no caminho para o trabalho", diverte-se.

Mas o trabalho ficava em frente às residências. Todos os funcionários da Delegacia do IAPI moravam na mesma quadra onde o órgão estava instalado. A infra-estrutura do lugar era precária.

O comércio local praticamente não existia. Nas entrequadras comerciais, os lotes começavam a ser vendidos para os comerciantes interessados, muitos do Núcleo Bandeirante. A união entre os moradores da quadra fez com que se formasse uma cooperativa para a venda de produtos de primeira necessidade e alimentos. A pequena feira acontecia na praça da quadra, que nos finais de semana era transformada numa sala de cinema ao ar livre. "Lembro-me da inauguração da primeira lanchonete da CLS 409, pertencente a uma francesa", revela. "Depois de um tempo, o local foi transformado em restaurante — o La Chaumière", completa.

Morando distante da única escola pública disponível, o Caseb, e próximo a uma instituição particular de ensino em

PIONEIROS

Como funcionário do IAPI, o pioneiro participou intensamente da construção da capital, mas foi só depois da inauguração que mudou para a cidade com a família

construção, Lobo matriculou os filhos no Marista. O piso do colégio ainda era terra e as janelas das salas não tinham vidros. Para atravessar a L2 Sul, os estudantes tinham que colocar tábuas para não cair na lama nos dias de chuva, frequentes nos primeiros meses do ano. Nas reuniões de pais e mestres, a figura de Oscar Niemeyer era uma constante, pois duas netas do arquiteto eram alunas.

A família Lobo viveu na 409/10 Sul por dois anos e meio e mudou-se para a SQS 305. Inicialmente, o advogado pagava uma taxa de ocupação simbólica para permanecer no imóvel. Posteriormente, o apartamento foi comprado por meio de um financiamento da Caixa Econômica Federal.

A consolidação

Na posse de Costa e Silva, em março de 1967, Hélio Beltrão, antigo colega do IAPI, foi nomeado ministro do Planejamento. Poucos dias depois, Lobo terminou sendo requisitado pelo amigo para integrar o gabinete da pasta. O convite de trabalho seria a principal contribuição do advogado à história do Distrito Federal.

O presidente JK não havia conseguido concluir a construção do projeto de Brasília, mas deixara tudo pronto para seu sucessor — Jânio Quadros — dar continuidade à consolidação da capital. Sete meses após assumir a Presidência da República, entretanto, Jânio renunciou. A política nacional entrava em um de seus períodos mais conturbados, prejudicando o desenvolvimento da nova capital.



HÉLIO COM A
NUMEROSA
FAMÍLIA, NA CIDADE
QUE ESCOLHEU
PARA VIVER

“
ERA COMUM
ALGUÉM TER QUE
VOLTAR À CASA
PARA TROCAR DE
ROUPA POR TER
LEVADO UM
ESCORREGÃO NO
CAMINHO PARA O
TRABALHO
”

Até 1967, a impressão que os moradores daqui tinham era de que nada mais era construído. Na administração federal, todos os ministérios contavam com recurso orçamentário destinado às obras em Brasília. Mas nenhum resultado era

percebido. Muitos ministros vinham a Brasília apenas para despachar com o presidente da República e retornavam ao Rio de Janeiro. Aqui ficava apenas um pequeno grupo de funcionários pertencentes a cada ministério.

A promulgação da Lei 5.363, de 30/11/67, seria o ponto de partida para a consolidação da nova capital. Os recursos orçamentários destinados à mudança da capital federal passavam a ser centralizados no Ministério do Planejamento. A nova legislação também determinava que deveriam localizar-se em Brasília os ministros de Estado, os gabinetes Civil e Militar da Presidência, a Secretaria do Conselho de Segurança Nacional, a chefia e a Agência Central do Serviço Nacional de Informações (SNI), o Estado-Maior das Forças Armadas, o Dasp, a Consultoria da República e o núcleo central de cada ministério — gabinetes do ministro e do secretário-geral, departamento de administração e pessoal, departamento de finanças, departamento de segurança e informação e consultoria jurídica.

A coordenação geral das providências estabelecidas também ficaria a cargo do Planejamento. Era muito trabalho a ser feito, desde a conclusão da Esplanada dos Ministérios (edifícios sedes e anexos), infraestrutura de algumas superquadras no Plano Piloto e construção de apartamentos funcionais até a transferência dos funcionários de cada pasta para cá. Para isto, o órgão criou o Grupo Executivo da Complementação da Transferência dos Órgãos da Administração Federal — o Gemud. Lobo foi nomeado seu presidente.

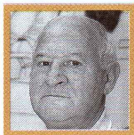
O primeiro trabalho feito pelo novo colegiado foi a transferência do Ministério das Relações Exteriores, que deveria vir com o quadro completo para Brasília. A chegada das representações diplomáticas movimentou a Avenida das Nações e terminou por convencer as outras pastas a colaborarem com a mudança.

Ao todo, foram cinco anos de trabalho ininterrupto para Lobo e o Gemud, a fim de garantir a permanência definitiva da capital da República no Planalto Central.

Raio X

Nome: Hélio Aratújo Lobo
Idade: 89 anos
Origem: Goiânia, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Procurador federal aposentado
Esposa: Maria Yvonne Umbelino Lobo
Filhos: Ana Amélia, Hélio Mauro, José Maurício, Luís Márcio, Sebastião Murilo e Antônio Marcos Netos
Netos: Adriana, Maria Yvonne, Luís Osório, Ana Luiza, Ana, Carla, Hélio Mauro Filho, Lara, Mila, Domitila, Carolina, Pedro, Joana, Tiago, Bárbara, Gustavo, Maria Rita e Bruno
Bisnetos: Isabel, Felipe, Ana Carolina, Ana Cecília, Rafaela, João Pedro, Larissa, Jéssica, Lucas, Carolina, Luís Otávio, Letícia, Maitê, Lucas, Bruna e Igor.

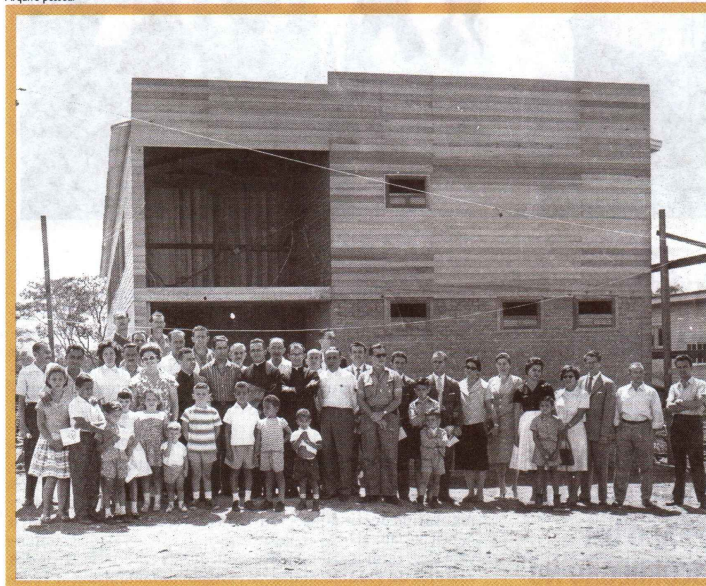
PIONEIROS



Jorge D'Arc Cerqueira

Um recomeço de vida no Planalto Central

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Um ato de extrema violência foi o motivo da decisão do mineiro Jorge D'Arc Cerqueira de deixar o Rio de Janeiro e participar do desenvolvimento de Brasília. Em visita à sua cidade natal — São João del-Rei —, no carnaval de 1960, Cerqueira e a família recebem a notícia de que seu apartamento no bairro de Madureira, na capital carioca, havia sido assaltado e incendiado. Assustado, Cerqueira decide deixar a família na cidade mineira e ir ao Rio verificar o acontecido. Sem nenhuma bagagem, volta a seu estado e decide abandonar a Cidade Maravilhosa.

Em Minas Gerais, termina sabendo, por intermédio de um colega de trabalho, que o Banco do Brasil estava formando um grupo de 10 pessoas para acompanhar a execução das obras da instituição no Planalto Central. Era a chance de recomeçar do zero numa cidade que oferecia inúmeras oportunidades de crescimento profissional para quem nada tinha a perder.

Em março de 1960, então, Cerqueira integra a Comissão de Construção dos Edifícios do Banco do Brasil e parte para Brasília sozinho. A família permaneceria em São João del-Rei até que houvesse estrutura para acomodá-la na nova capital.

“Quando cheguei aqui, com a roupa do corpo devido às perdas causadas pelo incêndio, parecia que estava renascendo”, recorda. “Não tive nenhum receio e recebi apoio de quase todos os parentes”, completa. Faltava um mês para a inauguração da capital e o edifício sede do Banco do Brasil ainda estava na quinta laje. O projeto do prédio previa a construção de 23 andares para o alto e quatro no subsolo. O prazo de entrega era o dia da inauguração da capital, 21 de abril de 1960. Uma das funções da comissão seria garantir a finaliza-

ção desta e outras obras do banco, como as superquadras 114 e 308 Sul. O escritório do grupo de trabalho foi montado em um barracão de madeira, em frente à construção do edifício sede, no Setor Bancário Sul.

Ainda sem apartamentos funcionais prontos para abrigar os funcionários do banco, Cerqueira e os outros integrantes da comissão foram alojados num acampamento de obras, na 303 Sul, onde estavam acomodados todos os trabalhadores ligados à instituição financeira transferidos para Brasília.

O acampamento era formado por 100 barracos de madeira com quarto, sala e banheiro, chamados de lâminas.

Na comissão, Cerqueira era encarregado de fiscalizar as obras do banco, cuidar da aquisição de material básico para a instalação dos primeiros funcionários lotados em Brasília (colchões, cama etc.) e secretariar o engenheiro chefe do grupo, Samir Kury.

Logo nos primeiros dias de trabalho, por intermédio de Cerqueira, a necessidade da formação da comissão aqui foi confirmada. Responsável por verificar

NA LÂMINA DA 303 SUL, A COMISSÃO DE OBRAS DO BANCO DO BRASIL CONSTRUÍU UM CINEMA TODO DE MADEIRA

o estoque de cimento adquirido para as obras do banco, o mineiro descobre que o material era roubado todas as noites por um caminhão, que entrava livremente no depósito de material da instituição.

A atuação do grupo agilizou as obras. No edifício sede, a cada dois dias uma laje ficava pronta. A três dias da inauguração, entretanto, as lajes de sustentação do asfalto que deveriam ser instaladas na plataforma da base do prédio ainda estavam encostadas na obra. Por coincidência, o detalhe foi visto pelo próprio presidente Juscelino Kubitschek, que cobrou a colocação do material para o dia da festa. Cerqueira lembra que a obra do banco não foi a única a ser terminada às pressas para o dia 21 de abril. “No Eixo Rodoviário Sul, todos os postes ainda estavam desligados no dia 19”, revela. “Mas no dia 21, JK pôde conferir a conclusão da obra do banco, conforme havíamos prometido.”

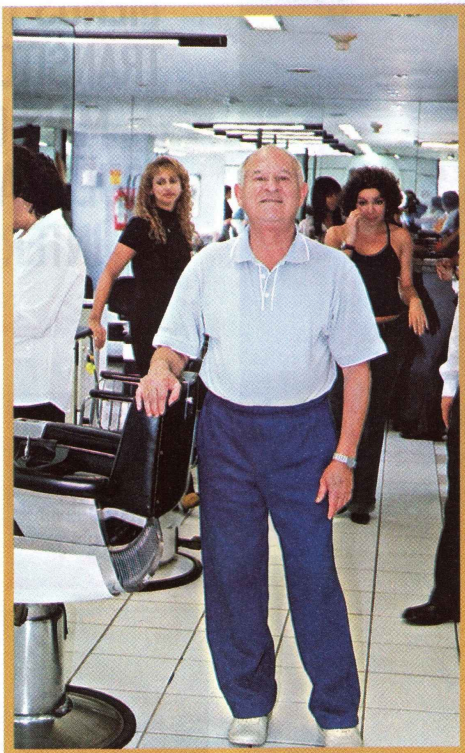
Palácio do Planalto

Cerqueira permaneceu na Comissão do Banco do Brasil por um ano. Quando Jânio Quadros assumiu a Presidência, solicitou à instituição financeira um funcionário de confiança para trabalhar no Palácio do Planalto. Cerqueira foi indicado, assumindo o primeiro cargo na administração federal em abril de 1961.

PIONEIROS

Depois de perder tudo em um incêndio, no Rio de Janeiro, o pioneiro viu no trabalho na nova capital a oportunidade de refazer a vida na cidade que nascia no Cerrado

JORGE TROUXE A FAMÍLIA EM 1961. AQUI FICOU E RECOMEÇOU A VIDA



Na Presidência da República, trabalhou até janeiro de 1968, com passagens pelo Serviço Nacional de Municípios, Subsecretaria de Assuntos Econômicos e Subchefia para Assuntos Parlamentares, responsável pelo relacionamento entre o Congresso e o Palácio. “Vivi toda a atmosfera política desse período”, conta. Segundo ele, Jânio Quadros mostrou interesse em continuar as obras de Brasília, mas não ficou muito tempo no Poder. “Com o golpe militar, a cidade parou e a pressão para retornar a capital para o Rio de Janeiro foi grande”, recorda. “Chegaram até a falar que Brasília seria entregue à Organização das Nações Unidas e se transformaria em território internacional”, diverte-se.

O novo lar

Em 1961, a conclusão de algumas casas geminadas na altura da 712 Sul possibilitou a mudança da família de Cerqueira para a nova capital. Os imóveis foram construídos pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB) e alugados por preços simbólicos. Sem mobiliário para colocar na casa, o Banco do Brasil cedeu camas e colchões para a família. O restante era improvisado com caixotes de madeira. As roupas eram penduradas em arames amarrados nos tetos dos quartos.

A moradia, entretanto, foi provisória. No mesmo ano, o Banco do Brasil começou a entregar apartamentos na 114 Sul e Cerqueira foi beneficiado com um destes imóveis. Amplos, a arquitetura dos apartamentos construídos em Brasília era ícone da modernidade na época, bem diferentes das casinhas populares da W3.

A quadra era uma extensão do trabalho no banco, uma vez que todos os apartamentos eram habitados por funcionários da instituição. A Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), por sua vez, era uma extensão dos apartamentos. O clube foi construído em 1960 por iniciativa dos próprios funcionários, inclusive Cerqueira, que é o quarto sócio registrado.

Além de se encontrarem no trabalho e no clube, os funcionários do Banco do Brasil se reuniam todos os finais de tarde embaixo dos pilotis de um dos blocos da 114. Os encontros eram apelidados de *Senadinho*. Depois de saírem da escola classe, que ficava na própria quadra,

as crianças também continuavam brincando no térreo dos prédios. “Nosso convívio era tão intenso que terminávamos por nos tornar amigos apenas de pessoas do banco”, analisa. “Por outro lado, a integração e a solidariedade entre todos me dão saudades”, conclui.

Salão diplomata

Depois do Palácio do Planalto, Cerqueira retornou ao Banco do Brasil, onde se aposentou em 1975. Na época, havia concluído o curso de Direito e procurava uma sala para montar seu escritório. O Conjunto Nacional já estava pronto e foi escolhido pela localização central. O Salão Diplomata, primeiro negócio co-

“**COM O GOLPE MILITAR, A CIDADE PAROU E A PRESSÃO PARA RETORNAR A CAPITAL PARA O RIO DE JANEIRO FOI GRANDE. CHEGARAM ATÉ A FALAR QUE BRASÍLIA SERIA ENTREGUE À ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS E SE TRANSFORMARIA EM TERRITÓRIO INTERNACIONAL**”

mercial aberto no shopping, já funcionava desde 1971. A sala escolhida por Cerqueira ficava ao lado do empreendimento. Entusiasmado com o espaço da loja, o mineiro decidiu comprá-la.

Em um mês de funcionamento, entretanto, Cerqueira decidiu mudar o rumo de sua nova carreira profissional e dar continuidade aos trabalhos do salão, primeiro voltado ao atendimento de autoridades e executivos. Adquirido com apenas quatro cadeiras, sob administração de Cerqueira, o negócio chegou a ter 43 funcionários trabalhando. Hoje conta com 26 profissionais e possui área construída de 200 m². Ainda há ministros e parlamentares entre seus clientes.

Raio X

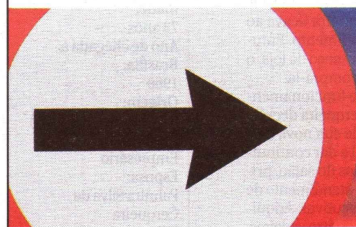
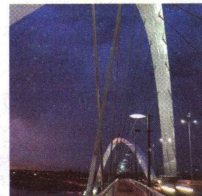
Nome: Jorge D'Arc Cerqueira
Idade: 73 anos
Ano de chegada a Brasília: 1960
Origem: São João del-Rei (MG)
Profissão: Empresário
Esposa: Palmira Silva de Cerqueira
Filhos: Jorge Luiz, Regina Maria, Alexandre e João Augusto
Netos: André, Caio, Débora e Silvana



**AGORA, O PAI DA
JÚLIA GASTA MUITO
MENOS TEMPO NO
TRÂNSITO E MUITO
MAIS COM O
QUE REALMENTE
INTERESSA.**

PONTE JK

**ECONOMIA DE
TEMPO E DINHEIRO
PARA VOCÊ.**



Quando viu aquele monumento pronto, o Mauro ficou maravilhado com tanta beleza. Só perdeu para a filha dele, a Júlia. Ela ficou absolutamente encantada com a ponte. Não só com o desenho em si, mas também porque ela traz o pai para casa mais rápido. Desde que a

Ponte JK foi inaugurada, os dois têm tido muito mais tempo para brincar e se curtir. Aliás, essa é a razão de existir da nova ponte: encurtar as distâncias entre as pessoas. Perto disso, economia de combustível, trânsito tranquilo e conforto são até vantagens menores.

